

Imprevisibilidade e surpresas na aula de música: análise e reflexões de um professor

Ana Ester Correia Madeira

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
ana_ecm6@hotmail.com

Teresa Mateiro

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
teresa.mateiro@udesc.br

Resumo: Um estudo qualitativo com abordagem fenomenológica foi realizado com um professor de música da rede pública de ensino de um município de Santa Catarina com o objetivo de compreender as situações indicadas por ele como surpreendentes ao analisar e refletir sobre sua prática. Os fundamentos teóricos apoiaram-se em diversos autores da área da educação, sociologia e educação musical para discutir temas acerca do professor como pesquisador e da imprevisibilidade na sala de aula como parte integrante da prática pedagógica. Os dados foram coletados nas aulas de música por meio de observações participantes, com registro em vídeo, entrevistas semiestruturadas e de estimulação de recordação realizadas com o professor. Em suas análises, o professor destacou quatro situações surpresas: duas geradas por fatores externos à sala de aula e duas resultantes de atividades desenvolvidas por ele. Os resultados apontam para: a importância de desviar a aula, por vezes, centrada no professor para o interesse dos alunos; a descontinuidade de ações rotineiras a fim de fomentar outras possibilidades pedagógicas; e a ruptura entre a expectativa do professor e os resultados obtidos na interação com os alunos.

Palavras chave: professor pesquisador; ensino fundamental; prática docente.

Introdução

Este trabalho discute sobre a imprevisibilidade na sala de aula como parte integrante da prática pedagógica. A sala de aula, na perspectiva de Sirota (1994), é considerada como uma “caixa preta”, ou seja, embora ela tenha tempo e espaço social definido, é como um lugar onde se joga uma partida de futebol para a qual é possível se preparar, mas também pode apresentar resultados incertos. Por mais que o professor planeje atividades da maneira mais conectada possível, a sala de aula, de acordo com Pacheco (2004), é o “espaçotempo” para as possibilidades do imprevisível. Nesse contexto, o educador pode ignorar ou refletir sobre as situações surpreendentes e imprevisíveis que

acontecem nesse espaço, pois conforme Schön (2000), qualquer tipo de experiência, mesmo que se torne rotina, tem um elemento surpresa, algo que não acorda com as expectativas de quem é surpreendido.

Por sua vez, Fink-Jensen (2013) propõe a aplicação de uma estratégia de ensino para a formação docente denominada de “práticas surpreendentes”. O ponto de partida é que o pesquisador, seja ele, professor ou estudante em formação docente, identifique a situação no momento específico que gerou o estranhamento. Esse é o desafio, pois aqui reside a importância de observar e reconhecer que o fenômeno precisa de atenção. Com base na ideia do professor como pesquisador, a autora entende a importância da observação e da relação entre teoria e prática nesse contexto.

Com esses pressupostos teóricos, um estudo qualitativo com abordagem fenomenológica foi realizado com um professor de música da rede pública de ensino de um município de Santa Catarina. O objetivo foi compreender, a partir da experiência do professor, os aspectos indicados por ele ao analisar e refletir sobre sua prática, bem como as mudanças que surgiram em sua atuação em uma turma do quarto ano (MADEIRA, 2015). Sendo este trabalho um recorte dessa pesquisa, optou-se por apresentar e discutir situações, ocorridas nas aulas de música, que o professor, a partir de suas análises e reflexões, destacou como surpreendentes.

Professor pesquisador: fundamentos das práticas surpreendentes

Na caminhada profissional de um professor, a pesquisa se apresenta como uma possibilidade na sua formação contínua, ao mesmo tempo em que não retira a sua responsabilidade com a prática do ensino. Roberts (1994) defende que os professores devem ser pesquisadores, pois a pesquisa é o meio pelo qual eles refletem sobre sua prática e se apropriam das suas produções. Para Zeichner (1998), o professor pesquisador é um sujeito que pode contribuir significativamente para o ensino, já que se encontra inserido na escola e, conseqüentemente, tem uma visão mais aprofundada.

A observação torna-se essencial, configurando-se como uma prática inerente à atividade docente, conforme Margaret Buchmann (1989 apud ORLAND-BARAK; LESHEM,

2009), a qual destaca o potencial existente no ato de “ver” quando este faz uma conexão entre o passado e o presente, onde o pesquisador já está familiarizado com a situação que observa. Portanto, há uma relação intrínseca entre “ver” e “conhecer”, pois aquele que observa traz “o seu repertório de experiências, imagens, exemplos, entendimentos e ações anteriores, eles são capazes de ‘ver’ e dar sentido a novas situações” (p. 22).

Essa relação também é trabalhada por Schön (2000), o qual usa a expressão “conhecer-na-ação”, referindo-se aos tipos de conhecimentos revelados nas ações humanas, públicas ou privadas. Para o autor, nem sempre é possível verbalizar essas ações, mas por meio da observação (o ato de ver) e da reflexão a respeito é viável descrever o saber implícito nelas (o ato de conhecer). Portanto, na qualidade de professor pesquisador, o docente é um profissional que não apenas ensina, mas reflete, analisa e reconstrói a própria prática. Isso quer dizer que ele não se limita à aplicação de teorias em sala de aula, mas confere igual importância às experiências cotidianas da sua atuação.

Tais conceitos estão baseados na fundamentação da pesquisa desenvolvida por Fink-Jensen (2013) para a aplicação da estratégia “práticas surpreendentes”. Na antropologia cultural, segundo a autora, o termo “surpreendente” se refere a um sentimento universal que se manifesta de forma diferente de acordo com o contexto onde é evidenciado: num determinado momento gera surpresa enquanto em outro, pode gerar indignação. Esse conceito é semelhante à ideia antropológica do estranhamento, pois reside na ruptura daquilo que já é conhecido (MORTARI; MATOS, 2001). Nesse caso, a resposta resultante dessa manifestação é entendida por Fink-Jensen como um fenômeno que pode surgir no encontro com algo ou alguém numa situação específica que culmina numa ruptura com expectativas desenvolvidas a partir de hábitos, experiências e conhecimentos adquiridos anteriormente. Para que esse rompimento aconteça com o professor, ele precisa ver a situação como um antropólogo, ou seja, permitindo o estranhamento e deixando de lado, por um momento, as teorias formadas na sua caminhada profissional: conhecimento prévio, teorias pedagógicas e psicológicas ou discursos sobre o fenômeno que está em foco.

A ideia do surpreendente trabalhada por Fink-Jensen (2013) também é desenvolvida por Schön (2000) a partir da perspectiva do profissional reflexivo, um dos

princípios para ser um professor pesquisador. Para o autor, a surpresa precede a reflexão, pois há uma função crítica no ato de refletir na ação que leva a questionamentos sobre a estrutura da situação, de forma a “reestruturar as estratégias de ação, as compreensões dos fenômenos ou as formas de conceber os problemas” (p. 33). Schön destaca esta maneira de agir por considerar a oportunidade de experimentar, de imediato, novas ações ou formas de resolver conflitos instalados numa determinada realidade.

Delineamentos metodológicos

Para participar deste estudo, buscou-se um professor que atendesse aos seguintes critérios: ser efetivo na rede pública de ensino, licenciado em música, atuar como docente nessa área e dar aulas para os anos iniciais do ensino fundamental. Tais características foram essenciais para ampliar as discussões a respeito da formação docente nesta investigação. Além disso, ser professor efetivo deixaria o profissional mais à vontade com a turma por já estar ambientado com os alunos e a instituição. Por esse motivo, não foram considerados os profissionais admitidos com contrato temporário.

Tendo o professor de música como objeto central desta pesquisa, atuando em sala de aula com uma turma de quarto ano, realizou-se um estudo qualitativo com abordagem fenomenológica. Para Creswell (2014), este tipo de pesquisa trata e descreve os significados que indivíduos conferem às suas experiências, a um conceito ou a um fenômeno. Conforme o autor, o objetivo principal da fenomenologia “é reduzir as experiências individuais com um fenômeno a uma descrição da essência universal” (p. 72). Desta forma, a identificação do fenômeno é prosseguida, adquirindo informações das pessoas que o vivenciaram, descrevendo-o a partir da “essência da experiência para todos os indivíduos”.

A coleta de dados aconteceu, majoritariamente, durante o primeiro semestre de 2014 em três etapas: treze observações participantes das aulas de música do 4º ano matutino das quais quatro foram registradas em diário de campo e nove em vídeo (LIMA; MIOTO; DAL PRÁ, 2007, PAQUAY; WAGNER, 2001); duas entrevistas com o professor de música, uma semiestruturada (FREIRE, 2010) e outra de estimulação de recordação (ROWE, 2009); e algumas reflexões escritas por ele. Os procedimentos éticos foram avaliados e

aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade e, seguindo o estabelecido, o professor participante desta pesquisa será identificado com o pseudônimo “Ross”.

A organização e a análise dos dados aconteceram em três etapas, de acordo com Mayring (2002 apud GÜNTHER, 2006): meios de representação dos dados; transcrição dos dados; e a construção de um sistema para descrevê-los. A primeira parte está relacionada com a escolha das técnicas de coleta de dados. Em seguida, os dados resultantes do material coletado foram organizados de forma descritiva a partir das observações – registradas ou não em vídeo –, reflexões do professor e entrevistas. A transcrição do material foi realizada literalmente nas entrevistas¹ e por minutagem nos vídeos (ROSE, 2004). Todos estes dados foram reduzidos em temas, ou seja, categorizados em “sistemas descritivos”, conforme Creswell (2014), uma forma de organização viável para a próxima etapa: a análise e interpretação dos dados em diálogo com a fundamentação teórica deste trabalho.

Professor Ross: formação e prática

O professor começou seus estudos musicais em conservatório, onde estudou piano erudito por nove anos, até o seu ingresso na universidade. Seu trabalho como músico acontece em grupos religiosos, corais e bandas onde atua como pianista e diretor musical. Graduou-se em licenciatura em música e obteve o grau de mestre em música na mesma instituição onde se graduou. Como pesquisador, foca seus estudos nas relações de gênero na música popular brasileira. Ross começou sua carreira docente como professor efetivo na rede pública de ensino do estado de Santa Catarina em 2011, onde leciona música na disciplina de Artes. Conforme exposto na metodologia, o tempo de experiência foi essencial neste caso porque o docente já estava ambientado com a realidade escolar (alunos e instituição), o que daria a este trabalho um caráter mais fluente no decorrer das intervenções realizadas.

A escola onde a pesquisa foi realizada foi reformada recentemente, estando inserida numa comunidade rural e de média renda. A instituição atende os anos iniciais do

¹ Serão referenciadas da seguinte forma: (ROSS, ES, 10/04) – Entrevista Semiestruturada; (ROSS, EER 1, 08/07) ou (ROSS, EER 2, 23/09) – Entrevista de Estimulação de Recordação.

ensino fundamental (primeiro ao quarto ano), tendo aulas de música no currículo em todas as faixas etárias e promovendo diversos eventos que relembram datas comemorativas. O docente atua neste contexto com carga horária de 40 horas semanais (dedicação exclusiva), onde é responsável por 14 turmas, sendo que as aulas-faixas são exclusivamente destinadas aos quartos anos, isto é, duas aulas seguidas totalizando noventa minutos.

A Turma 40, escolhida por Ross para fazer parte da pesquisa, é composta por 33 crianças, sendo 15 meninas e 18 meninos. De forma geral, o objetivo do professor durante o ano foi proporcionar aos alunos a experiência instrumental com várias possibilidades. Durante as aulas observadas, ele trabalhou conteúdos com diversos instrumentos de percussão, de sopro e de orquestra por meio de atividades variadas de apreciação e execução, e buscando realizar a prática pedagógica em diferentes espaços (sala de aula, sala de artes e sala de vídeo) com configurações distintas.

Situações surpresas: análise, reflexão e mudança

Ross reconheceu que, muitas vezes, as situações inesperadas que acontecem na sala de aula não podem ser ignoradas, sejam elas positivas ou negativas. O professor de música mencionou e descreveu algumas experiências assistindo às gravações de vídeo das aulas durante as entrevistas de estimulação de recordação. Ele comentou, analisando e refletindo o que viveu em quatro momentos específicos: dois influenciados por fatores externos e dois por fatores internos, os quais lhe despertaram a necessidade de dar atenção ao ocorrido.

A primeira situação foi quando um helicóptero sobrevoou a área da escola e, por consequência, todos os alunos queriam olhar pela janela para saber o que e por que estava acontecendo. Em outra situação, um inseto entrou na sala de aula e todas as crianças deram atenção apenas a este fato por curiosidade. Diante disso, o docente afirmou que às vezes é preciso parar e “entrar na viagem deles ou você vai se descabelar se continuar” (ROSS, EER 2, 23/09), isto é, as intervenções que acontecem no decorrer do processo de ensino fazem parte e podem ser consideradas pelo professor como imprevistos do planejamento.

As situações destacadas por Ross reforçam a existência do fator “tempo” não só dentro de sala de aula, mas também fora dela, conforme Estrela (1992). Por vezes o que o docente está apresentando durante sua prática pedagógica aos alunos não causa tanto interesse, pois o que acontece no pátio da escola, no refeitório ou mesmo na rua desperta a atenção das crianças. O mesmo aconteceu nos momentos vivenciados pelo professor e descritos acima, onde fatores externos influenciaram o andamento do processo de ensino, chamando a atenção dos alunos para algo além do conteúdo que estava sendo trabalhado.

Estrela (1992) afirma que, na concepção dos alunos, o espaço dentro da sala de aula pode apresentar certo tédio pelo excesso de discursos e pouca dinamicidade, enquanto o tempo do lado de fora, gera curiosidade, como aconteceu com Ross. Na mesma direção, Schön (2000) coloca que qualquer experiência rotineira tem um “elemento surpresa” que vai além do que se espera, sendo que este pode ser ignorado ou gerar reflexão. Da mesma forma, o professor reconhece esses momentos e os aproveita, pois entende que nem sempre conseguirá evitá-los. Por esta razão, buscou as possibilidades presentes nesta imprevisibilidade: conversar com os alunos a respeito do ocorrido, “entrar na viagem” das crianças, sabendo trabalhar com o acontecido. Dois fatores podem ser destacados a partir das situações que o educador descreveu.

O primeiro fator remete à afirmação de Pacheco (2004), para quem as experiências surpreendentes, mesmo que negativas, contêm ensinamentos para o dia a dia de um educador. O segundo fala da necessidade de observar que a sala de aula é, “por mais que venhamos a planejar nossas atividades, espaçotempo singular da possibilidade do imprevisível” (p. 57), ou seja, há inúmeras maneiras de agir em tais situações, alcançando não só os objetivos almejados, mas também uma nova perspectiva a respeito.

Quanto às situações influenciadas por fatores internos, Ross falou do caminho realizado para o ensino da flauta doce (soprano), foco do seu planejamento com a Turma 40. O docente tomou essa decisão quando percebeu que começar falando e trabalhando diretamente este instrumento não estava gerando os resultados esperados. De acordo com o professor, os alunos “não davam nenhum valor”, pegavam a flauta sem saber como usá-la, por isso ele decidiu passar este conteúdo de forma mais devagar. Apesar de reconhecer esse

processo como “cansativo”, o docente reafirma a necessidade deste para o bom andamento de um planejamento na aula de música.

Com relação a essa rotina na sua prática educativa, ou seja, quando costumava trabalhar a flauta doce diretamente, Ross percebeu que não estava conseguindo cumprir o que havia planejado. Por vezes, a resposta esperada acontecia de uma maneira diferente e, conseqüentemente, negativa para o andamento do processo de ensino. Com base em Schön (2000), é possível afirmar que essas ações rotineiras apresentaram uma surpresa, algo que não correspondeu às expectativas do professor e o fez refletir a respeito e, mais tarde, realizar algumas mudanças. Um exemplo disso foi como ele, gradativamente, desenvolveu o conteúdo das aulas com esse instrumento. Só assim é possível pensar de forma crítica a respeito do caminho que levou a esta situação para, então, “reestruturar” as ações pedagógicas que, neste caso, são constituídas pelas mudanças que o educador realizou no seu planejamento para ensinar a flauta para a turma.

Ross ainda destacou outra situação, quando havia exposto em sala de aula a facilidade para construir um instrumento, como o chocalho, com materiais do dia a dia. Para ele, o surpreendente aconteceu na semana seguinte quando dois alunos levaram para a aula de música chocalhos que eles confeccionaram. O docente afirmou que aproveitou a situação para mostrar a produção do material, percebendo que outras crianças também se interessaram em fazer o mesmo. O professor de música relatou que o fato de os alunos mostrarem o que fizeram de maneira espontânea, inspirando outros colegas, o surpreendeu, acrescentando o fato de eles pegarem objetos ao seu redor para usá-los como tambor, colocando imediatamente em prática o que aprenderam.

Verificou-se que Ross não esperava que dois de seus alunos construíssem um instrumento musical por iniciativa própria, pois não foi uma tarefa solicitada em aula e, talvez, isso possa justificar o sentimento de surpresa descrito por ele. Essa situação ressalta a imprevisibilidade de uma atividade na aula de música expressa no fato de um aluno mostrar a própria produção para a turma, o que o faz sentir-se autônomo, o ator principal da sua experiência. Sobre o segundo ponto, o docente também se surpreendeu de forma positiva quando os alunos colocaram em prática o saber adquirido tão logo ele foi exposto

em sala, algo que ele não esperava, corroborando o que Sirota (1994) fala sobre a imprevisibilidade de uma aula, independente da disciplina e do planejamento, pois algumas respostas vêm de maneira não convencional trazendo um resultado diferente.

Considerações finais

Neste trabalho, foram apresentadas situações ocorridas nas aulas de música de uma turma de quarto ano que o professor, a partir de suas análises e reflexões, destacou como surpreendentes. A discussão fundamentou-se a partir de pressupostos teóricos acerca da concepção do professor como pesquisador e da sala de aula como um espaço singular da possibilidade do imprevisível. A ideia do professor como um pesquisador implica numa concepção educacional onde se faz necessário que o professor investigue, compreenda e melhore a sua prática, bem como estude a si próprio.

Nesse sentido, o professor, participante desta pesquisa, refletiu sobre sua atuação em sala de aula por meio de reflexões escritas e entrevistas de estimulação de recordação. O objetivo principal centrava-se na análise de situações surpresas. O professor destacou quatro momentos: dois provocados por fatores externos – um helicóptero que sobrevoou a escola e um inseto que entrou na sala de aula – e dois por fatores internos – procedimentos de ensino para tocar flauta doce e resultados sobre a construção de instrumentos. As reflexões destacaram: a importância de desviar a aula, por vezes centrada no professor, para o interesse dos alunos; a descontinuidade de ações rotineiras a fim de promover outras possibilidades pedagógicas; e a ruptura entre a expectativa do professor e os resultados obtidos na interação com os alunos.

Por fim, vale ressaltar que com este estudo foi possível identificar e refletir sobre diversos fatores que podem influenciar uma prática pedagógica. A formação docente não se constitui como a única fonte de conhecimento para a atuação na escola, pois a experiência assume grande importância quando o professor, que conhece o contexto onde está inserido, tem liberdade de mudar a situação, o ambiente ou o seu planejamento com base no que já vivenciou. Analisar situações, surpreendentes ou inesperadas, que emergem do espaço da

sala de aula é formador, pois mesmo quando negativos tais momentos ensinam algo ao docente.

Referências

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Portugal: Porto Editora, p. 33-80, 1992.

FINK-JENSEN, Kirsten. Astonishing practices: a teaching strategy in music teacher education. In: GEORGI-HEMMING, Eva; BURNARD, Pamela; HOLGERSEN, Sven-Erik. **Professional knowledge in music teacher education**. Hampshire, England: Ashgate, p. 139-155, 2013.

FREIRE, Vanda Bellard (Org.). **Horizontes da pesquisa em música**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamaso; DAL PRÁ, Keli Regina. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Revista Textos & Contextos**, v. 6, n. 1, p. 93-104, 2007.

MADEIRA, Ana Ester Correia. **Professor pesquisador**: análise, reflexão e mudança na aula de música. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestrado em Música, Florianópolis, 2015.

MORTARI, Elisângela Carosso Machado; MATOS, Ronize Aline de. O estranhamento cultural: a experiência cultural e a virtualidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: INTERCOM, 2001. CD-ROM.

ORLAND-BARAK, Lily; LESHEM, Shosh. Observation in learning to teach: forms of “seeing”. **Teacher Education Quarterly**, v. 36, n. 3, p. 21-37, 2009.

PACHECO, Dirceu Castilho. Cotidiano: o espaçotempo do aprenderensinar. In: AZEVEDO, Joanir Gomes de; ALVES, Neila Guimarães (Orgs.). **Formação de professores**: possibilidades do imprevisível. Rio de Janeiro: DP&A, p. 43-58, 2004.

PAQUAY, Léopold; WAGNER, Marie-Cécile. Competências profissionais privilegiadas nos estágios e na videoformação. In: PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, Philippe; ALTET, Marguerite; CHARLIER, Évelyne. **Formando professores profissionais**: Quais estratégias? Quais competências? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 135-159.

ROBERTS, Brian. Music teachers as researchers. **International Journal of Music Education**, v. 1, n. 23, p. 24-33, 1994.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, p. 343-364, 2004.

ROWE, Victoria Claire. Using video-stimulated recall as a basis for interviews: some experiences from the field. **Music Education Research**, v.11, n. 4, p. 425-437, 2009.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SIROTA, Régine. **A escola primária no cotidiano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ZEICHNER, Kenneth. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (Orgs.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercado de Letras – Associação de Leitura do Brasil, 1998, p. 207-236.